



ENSINAR: UMA AÇÃO DOCENTE REFLEXIVA

Autor: Daniela Fernandes Rodrigues (1) ; Co-autor: Farbênia Kátia Santos de Moura (1);

(Universidade Estadual do Ceará – UECE / Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos – FAFIDAM / Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central – FECLESC / Mestrado Acadêmico Intercampi em Educação e Ensino - MAIE)

dani.daniela87@gmail.com

katiasantos.santos@yahoo.com.br

Resumo

É notório que a nossa vida é um somatório das experiências vivenciadas através das interações com os nossos pares. No cenário educacional não poderia ser divergente, haja vista que o eu profissional é indivisível do eu pessoal. Objetivamos refletir sobre o ensino numa perspectiva reflexiva, descrever as características do ato de ensinar e explicitar o que consolida uma educação problematizadora, que de acordo com FREIRE (2011) exige consciência e inserção crítica na realidade e através do diálogo romper com a contradição na relação educador-educando. Pois somos reconhecedores das recíprocas contribuições entre os processos de ensino/aprendizagem dentro do âmbito escolar, que configuram-se em aspectos indispensáveis para o trabalho pedagógico. Portanto, o trabalho em questão trata-se de uma revisão bibliográfica, cujo delineamento consubstanciou-se teoricamente em autores como: Gadotti (1996), Garcia (2011), Freire (2011), Morin (2012), Romão (2011) e Tardif (2013), porque apresentam reflexões as quais comungamos. Nesta perspectiva, elucidamos que ensinar é uma prática educativa revolucionária, que exige do professor o rompimento com paradigmas inoperantes, assumir-se enquanto sujeito construtor da sua trajetória pessoal e profissional e não como mero expectador. E assim, por meio da dialogicidade, juntamente com o alunado romper com a educação bancária e trabalhar com uma educação problematizadora, que é uma prática desafiadora com necessidade diária de compromisso e disposição para na cotidianidade ultrapassar o imobilismo advindo do bancarismo, para uma postura revolucionária. Porém, acreditamos que a educação necessita indubitavelmente possibilitar: autonomia perante o discurso ideológico e ideologizado, desenvolvimento humano e construção ou ampliação de uma visão crítica e comprometida.

Palavras-chaves: Ensinar; Educação; Reflexão.

Introdução

É notório que a nossa vida consolida-se em um somatório das experiências vivenciadas através das interações com os nossos pares. No cenário educacional não poderia ser divergente, haja vista que o eu profissional é indivisível do eu pessoal. E a educação é uma ação indispensável para a vivência em sociedade, sendo a escola a instituição responsável



pelo trabalho de sistematização e construção dos conhecimentos científicos. Nesse intento, faz-se necessário que durante o processo de construção e apropriação do conhecimento, o trabalho docente configure-se em uma prática educativa participativa, que possibilite aos professores, alunos e os demais envolvidos, uma reflexão sobre as ações desenvolvidas.

Entretanto, objetivamos refletir sobre o ensino numa perspectiva reflexiva, descrever as características do ato de ensinar e explicitar o que consolida uma educação problematizadora, que de acordo com Freire (2011) exige consciência e inserção crítica da realidade e através do diálogo, romper com a concepção de unilateralidade do saber do educador que, algumas vezes perpassa a relação educador-educando. Pois, somos reconhecedores das recíprocas contribuições entre os processos de ensino e aprendizagem dentro do âmbito escolar, os quais configuram-se em aspectos indispensáveis para o trabalho pedagógico. Porque o ensino é uma prática docente complexa que exige a construção de um pensamento multidimensional, tornando urgente a busca do rompimento com o modelo de educação tradicional conteudista, unidirecional e reprodutivista, onde o professor é o detentor do saber e o aluno um receptor.

Como aborda Morin (2012, p.11): “A missão desse ensino é transmitir não o mero saber, mas uma cultura que permita compreender nossa condição e nos ajude a viver, e que favoreça, ao mesmo tempo, um modo de pensar aberto e livre”, que nos possibilite uma práxis pedagógica cotidiana e uma constante reflexividade.

Assim sendo, como reforça Tardif (2013, P.21) “Ensinar é mobilizar uma ampla variedade de saberes, reutilizando-os no trabalho para adaptá-los e transformá-los pelo e para o trabalho”, apresentando a necessidade da ética para convivência e o respeito à individualidade e coletividade. Desse modo, ensinar, caracteriza-se como uma ação pedagógica multidimensional que exige disposição de ambos os envolvidos e um olhar global para os inúmeros saberes que circundam a sociedade contemporânea, requer um conhecer, para melhor viver, modificá-lo e ou modificar-se através do labor. Como bem explicita Freire (2011, p. 47): “saber ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”, isto é, mediar e possibilitar meios para que o indivíduo consiga realizar suas significações.



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Metodologia

O trabalho em questão trata-se de uma revisão bibliográfica, cujo delineamento deste estudo consubstanciou-se teoricamente em autores como: Gadotti (1996), Garcia (2011), Freire (2011), Morin (2012), Romão (2011) e Tardif (2013), pois apresentam reflexões as quais comungamos. Haja vista que produções científicas de cunho bibliográfico são importantes para estimularmos a reflexão e discussão sobre as questões práticas.

Decorrente dessas ideias torna-se indispensável explicitarmos que a educação exige do docente uma postura crítica e interventiva nos contextos: técnico, político e sociocultural. Devendo ser sinônimo de emersão, porque possibilita sermos seres melhores, termos criticidade mediante o contexto que estamos inseridos e nos desenvolvermos humanamente e cientificamente. Como afirma Garcia (2011, p. 3):

O que me parece importante é que possamos refletir no espaço acadêmico sobre qual o lugar da teoria num projeto emancipatório e como se pode reaproximar a teoria da prática, potencializando aqueles e aquelas que vêm sendo excluídos e impedidos de aprender a dizer sua própria palavra de modo que mudem as próprias vidas e comprometam-se num processo de mudança social.

Para que aconteça desenvolvimento, efetivamente faz-se necessário que exista conhecimento, e no cenário educacional precisamente, os docentes necessitam indubitavelmente apresentar durante o ensino algumas características, tais como: partir dos conhecimentos de mundo dos alunos, embasar-se dos conhecimentos científicos adquiridos durante a formação universitária e trabalhá-los de forma prática, relacionando-os com situações-problemas concretas cotidianas.

Resultados e discussões

Na busca por uma educação progressista, o educador deverá ser capaz de perceber que no cenário educacional atual, onde toda comunidade escolar está constantemente diante de uma expansão descontrolada de informações que acaba por influir significativamente na construção de linguagens discordantes, faz-se necessário uma ação docente em oposição a invasão cultural, que com base em Freire (2011), caracteriza-se pela manipulação, incutindo o sentimento de inferioridade, impondo uma nova visão de mundo considerada correta e



superior, criando e consolidando uma relação manipuladora entre dominador (sujeito que domina) e dominado (objeto dominado).

Portanto, é extremamente importante que a prática educativa seja ancorada no diálogo e na reflexão sobre os contextos que interferem e as ações mobilizadoras e propulsoras da busca por conhecimento, partindo dos conhecimentos prévios para os conhecimentos científicos. Opondo-se a invasão cultural através da síntese cultural que para Freire (2011) não nega as diferenças entre uma visão e outra, pelo contrário, fundamenta-se nelas e considera indispensável à importância de uma para outra. E assim a relação educador-educando torna-se permeada de ações por sujeitos participantes, ou seja, sujeitos praxiológicos que de acordo com Romão (2011), é aquele que conhece, atua e reconhece.

No âmbito dessa discussão, explicitamos que ancorados em Freire (2011), ensinar exige criticidade, pois possibilita o transitar da consciência ingênua para uma consciência epistemológica, capaz de refletir sobre sua prática educativa com os condicionantes e suas influências no mundo.

Precisamente porque a promoção da ingenuidade para a criticidade não se dá automaticamente, uma das tarefas precípuas da prática educativo-progressista é exatamente o desenvolvimento da curiosidade crítica, insatisfeita, indócil. (FREIRE 2011, P. 33-34)

Dessa maneira a ação educativa dos docentes necessita indubitavelmente está em busca de uma constante flexibilidade, considerando-a como eixo norteador de todo o processo de ensino e aprendizagem, pois cotidianamente no contexto escolar, estamos suscetíveis a uma gama de situações ininteligíveis as quais exigem posturas dialógicas, que nos enseja a realizarmos uma leitura crítica da realidade. Como aborda Freire (2011, P.24): “A reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática, sem a qual a teoria pode ir virando blá-blá-blá e a prática, ativismo.”

De acordo com Morin (2012), podemos destacar alguns pontos fundamentais para a missão de ensinar, tais como: possibilitar através da cultura, que os alunos possam diante dos problemas multidimensionais, distinguir, contextualizar e globalizá-los; agir de forma crítica, mediante os problemas que a complexidade apresenta para o ser humano; enfrentar as incertezas de forma que esta nos incite na busca por um mundo melhor; buscar a compreensão



tanto entre os pares e os distantes, e que as divergências individuais e culturais nos ajude a sermos mais humanos.

O trabalho docente consolida-se em uma ação complexa, pois o ensino depende da interação com o educando, que é influenciada e influencia através do emocional, porque vivemos também no ambiente escolar, sentimentos de conflitos, resultado dessa sociedade marcada pela contradição entre dominadores e dominados. Além do contexto que leva o alunado a estar na escola, sendo que não obstante, seja apenas por anseio dele, mas uma exigência social e familiar, transformando assim o espaço educativo em um ambiente desconfortável.

Portanto é indiscutível elencarmos o quanto é precioso e exigente o ato de ensinar, porque este não esgota-se na prática propriamente dita, apenas corporifica-se. É uma construção arraigada de coletividade, que sofre influências das práticas exitosas e inauditas, as quais fomos submetidos durante a vida educacional enquanto educando e também durante o trabalho pedagógico como educador. Sendo que estes fatores devem intervir na perspectiva de propiciar o repensar das práticas vivenciadas, para que estas sejam capazes de desenvolver uma ação docente politizada, assumindo a função de sujeitos participantes.

Nesse contexto, percebemos a necessidade de explicitarmos que ensinar é assumirmos enquanto professores mediados e mediadores do conhecimento, o real compromisso de repensar nossas práticas e partindo sempre do pressuposto de que a educação deve estar pautada no diálogo e a serviço da transformação.

Neste sentido é que ensinar a pensar certo não é uma experiência em que ele – o pensar certo – é tomado em si mesmo e dele se fala ou uma prática que puramente se descreve, mas algo que se faz e que se vive enquanto dele se fala com a força do testemunho. Pensar certo implica a existência de sujeitos que pensam mediados por objeto ou objetos sobre que incide o próprio pensar dos sujeitos. Pensar certo não é que – fazer de quem se isola, de quem se “aconchega” a si mesmo na solidão, mas um ato comunicante. Não há por isso mesmo pensar sem entendimento e o entendimento, do ponto de vista do pensar certo, não é transferido mas co-participado. (FREIRE, 2011 p.38)

Assim sendo, ensinar exige respeito aos conhecimentos do educando, porque enquanto seres humanos, somos produtos e produtores nas relações entre os indivíduos. Da mesma forma, no cenário educacional, somos produtores do conhecimento, independente da



condição de educador ou educando, pois podemos dizer que a leitura de mundo antecede a leitura da palavra, e na condição de produto e também de produtores, somos capazes de modificar os rumos discordantes que conduzem a negação da liberdade.

O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros. Precisamente porque éticos podemos desrespeitar a rigorosidade da ética e resvalar para a sua negação, por isso é imprescindível deixar claro que a possibilidade do desvio ético não pode receber outra designação senão a de *transgressão*. O professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe e a sua prosódia; o professor que ironiza o aluno, que o minimiza, que manda que “ele se ponha em seu lugar” ao mais tênue sinal de sua rebeldia legítima, tanto quanto o professor que se exime do cumprimento de seu dever de propor limites à liberdade do aluno, que se furta ao dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgride os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência. (FREIRE 2011, p. 58-59)

Nesta perspectiva, é salutar elucidarmos que ensinar é uma prática educativa revolucionária que exige do professor primeiramente o rompimento com paradigmas inoperantes, assumir-se enquanto sujeito construtor da sua trajetória pessoal e profissional e não expectador. E assim, por meio da dialogicidade, juntamente com o alunado, romper com a educação bancária e trabalharmos com uma educação problematizadora, pois de acordo com FREIRE (2011 P. 41) “A educação problematizadora se faz, assim, um esforço permanente através do qual os homens vão percebendo, criticamente, como *estão sendo* no mundo com *que e em que se acham*” é uma prática desafiadora que necessita diariamente de compromisso e disposição para na cotidianidade ultrapassar o imobilismo advindo do bancarismo para uma postura revolucionária característica de uma educação problematizadora.

A referida questão elencada acima nos remete a discutirmos sobre a necessária perspectiva transformadora advinda da reflexão-ação e ação-refletida, aspectos indispensáveis para a prática educativa problematizadora. Haja vista, que através das relações estabelecidas entre os sujeitos concretiza-se a dialogicidade, que é uma ação puramente humana, que propicia educadores e educandos estabelecerem relações recíprocas na busca do conhecimento, instigando o pensar por meio de situações - problemas relacionadas ao contexto social, o pensar e o refletir capaz de suscitar a práxis.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A educação problematizadora é fundada sobre a criatividade e estima uma ação e reflexão autênticas sobre a realidade e responde, assim, à vocação dos homens que só são autênticos quando se comprometem na transformação da realidade. Devido a essa relação dialética, a “educação para a libertação se constitui como um ato de saber, um ato de conhecer e um método de transformar a realidade que se procura conhecer (GADOTTI, 1996, p.721).

Assim, torna-se inteligível a participação dos saberes adquiridos durante o exercício do ofício de professor para a corporificação da identidade profissional, a qual é construída através das interações com os demais atores escolares e todo percurso de escolarização. Tal como, através da compreensão da forma de ser e estar exercendo sua atividade educativa e do modo que se objetiva realizá-la por intermédio da aquisição dos conhecimentos científicos.

Destarte, apresentamos alguns saberes os quais compreendemos como indispensáveis ao fazer pedagógico docente, por isso recorremos a Tardif (2013) para discorrermos sobre o caráter multidimensional da prática educativa escolar, apresentando quatro saberes articulados entre si.

I - Os saberes da formação profissional - Os advindos das ciências da educação e pedagógicos disseminados pelas instituições educacionais.

II- Os saberes disciplinares – Os conhecimentos construídos historicamente e socialmente, que apresentam-se categorizados no âmbito escolar.

III – Os saberes curriculares – O conjunto dos saberes que representa a concepção de educação adotada pela instituição e por toda a comunidade escolar.

IV – Os saberes experienciais – Caracteriza-se pelo produto do fazer docente cotidiano, o qual é realizado e através da sua realização é repensado, reestruturado e validado.

Portanto, torna-se inexorável reconhecermos a importância dos saberes universitários para os professores, os quais trazem na sua composição uma pluralidade de saberes que articulados, possibilitam o alcance de resultados mais satisfatórios para o alunado, bem como para o professorado. Por isso, ao compreendermos que os saberes docentes são múltiplos, faz-se necessário que estejamos atentos às nuances, que envolvem esta complexidade que é o educar, oportunizando estratégias que facilite a articulação entre teoria e prática e a construção de novos paradigmas educacionais.



Conclusões

Em síntese, é relevante atenuarmos que, para uma ação docente ancorada na ética, flexibilidade, colegialidade e na concepção de que somos sujeitos produtos e produtores de conhecimento, devemos romper com a dicotomia teoria/prática, ultrapassar os muros invisíveis e propiciar aos alunos experiências significativas que partam do conhecimento de mundo e permitam perceber e apropriar-se do conhecimento científico. Como explicita (FREIRE 2011 p. 161), “A prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança, ou, lamentavelmente, da permanência do hoje.”

Assim, mediante a discussão elencada por Freire (2011), educar é uma ação humana que exige considerar-se como um ser político, histórico e cultural, que pesquisa, que gosta do que faz, que age com autoridade, e não com autoritarismo, com ética, com estética, mas com carinho ao educando, pois o seu trabalho é desenvolvido com ele e para ele, pois que estes atos de aprender e ensinar são especificidades humanas.

Porém, diante do exposto, acreditamos que a educação necessita indubitavelmente possibilitar autonomia, perante o discurso ideológico e ideologizado, desenvolvimento humano e construção ou ampliação de uma visão crítica e comprometida. Apresentando-se como um processo praxiológico, mediatizado pela e com a sociedade, na busca por estruturação dos paradigmas vigentes, possibilitando constantemente a busca intencional de compreensão do real .

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes Necessários á pratica Educativa/** 43ªedição, São Paulo: Paz e terra 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido -50ª. Ed. Ver. E atul .** – Rio de Janeiro: Paz e terra, 2011.

GADOTTI, Moacir. Paulo Freire: **uma biobibliografia.** São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire; Brasília, DF: UNESCO, 1996.

GARCIA, Regina Leite (Org.). **Para quem pesquisamos, para quem escrevemos: o impasse dos intelectuais.** 3. Ed. São Paulo: Cortez, 2011. P. 110-120.



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento.** 20ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

ROMÃO, José Eustáquio. **Avaliação dialógica: desafios e perspectivas.** 9ª ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** 15. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. P. 33 – 45.